

BRASIL E ÁFRICA: RELAÇÕES ENTRE VELHOS E CRIANÇAS A PARTIR DE PROVÉRBIOS

EULÁLIO, Marcela de Melo Cordeiro. (UFCG)

PINHEIRO-MARIZ, Josilene. (UFCG)

(Universidade Federal de Campina Grande)

1. Introdução

Diferenciando-se do povo africano, os brasileiros veem o envelhecimento humano como a degradação física do homem, fazendo, desse modo, com que as pessoas tenham medo de envelhecer. Essa visão para o tema da envelhescência (MENDES, 2012), é sempre influenciada pelo consumismo de produtos de beleza, como os antirrugas e pelos estudos sobre a fisiologia dos idosos, como podemos ver, por exemplo, em eventos da área de saúde sobre o envelhecimento humano, no qual as pessoas se preocupam mais em estudar os males que afetam a saúde do idoso como a diabetes, Mal de Alzheimer etc.

Em contrapartida, o povo africano reconhece que a sabedoria dos idosos é adquirida ao longo da vida. Quanto mais velho for o homem, mais sábio ele é, uma vez que está cada vez mais perto dos seus antepassados, dos povos que viveram em uma época desconhecida pelos mais jovens.

Tendo em vista esses dois pontos de vista para com a velhice, isto é: do brasileiro e dos povos africanos, objetivamos, no presente trabalho, analisar um provérbio dos povos de língua francesa na África, bem como dois provérbios dos povos de língua portuguesa no Brasil, comparando-os, observando, assim, como se dá a relação entre a criança e o velho nessas duas realidades. Ao analisarmos os provérbios em questão, situamo-nos culturas de origem, vendo, dessa forma as semelhanças e as diferenças na relação entre criança e velho, bem como os fatores que permitem um diálogo intercultural entre essas duas realidades.

Para tanto, em termos de fundamentação teórica, baseamo-nos nas noções de Perez (2000) quem trabalha o teor do discurso racista em provérbios, Xatara e Succi (2008) que trazem alguns conceitos sobre o gênero oral em questão e Cortês (2008) quem faz um estudo acerca dos provérbios franceses utilizados como forma de argumentação nas crônicas de arte. Além disso, fundamentaremos nossa pesquisa à luz de Jullien (2009) e Rockenbach (2010) que nos apresentam os diálogos entre as culturas, dando-nos, desse modo, um auxílio na

identificação do diálogo cultural entre os povos africanos de língua francesa e o povo brasileiro. No mais, entendemos a noção de Walter (2010), que aborda o conceito de transculturação, isto é, a tradução do texto que apresenta implícitos diversos fatores de sua cultura, fato importante, visto que iremos traduzir os provérbios de língua francesa a partir da ótica da cultura africana.

De acordo com os objetivos da pesquisa documental-bibliográfica acima definidos, vale salientar que, metodologicamente, essa é uma pesquisa descritivo-interpretativa, visto que pretendemos interpretar os provérbios coletados e analisá-los, procurando relacioná-los à cultura de origem e não unicamente descrevê-los. Assim, ao explorar nosso objeto de estudo, utilizaremos uma abordagem qualitativa, tendo-se em vista o fato de tal objeto ser textual: o provérbio, que pode ter diferentes interpretações, dependendo do contexto; nesse caso, o contexto cultural no qual o mesmo está inserido.

Por fim, para facilitar a leitura do texto, apresentamos aqui a organização do texto, cuja estrutura se divide nos tópicos: *Introdução*, que é o presente tópico, no qual fazemos uma breve apresentação da pesquisa; *O gênero provérbio*, no qual fazemos uma apresentação do provérbio enquanto gênero; *Cultura, intercultura e transculturação*, momento em que apresentamos os conceitos que fazem jus ao tópico; *A relação entre velhos e crianças: dois extremos*, momento no qual apresentamos a análise dos provérbios elencados; e, por fim, algumas considerações sobre o trabalho realizado, assim como as referências utilizadas durante a pesquisa.

2. O gênero provérbio

O objeto de estudo da pesquisa aqui apresentada é, dentre os gêneros orais, um dos mais conhecidos, uma vez que têm como função transmitir ensinamentos. Dada a sua estrutura curta e simples, favorece a memorização mais facilmente. Nos primórdios da humanidade, o provérbio não era reproduzido como comumente o fazemos hoje. De um modo geral, ele surgia dentro de outros textos. Um exemplo disso está na Bíblia, o Livro Sagrado do Cristianismo que, segundo a tradição, reúne 66 ou 77 livros¹ escritos por homens inspirados por Deus, responsáveis por narrar acontecimentos históricos e levar os ensinamentos aos fiéis

¹ A Bíblia Católica tem 73 livros, enquanto na Protestante há 66; entretanto, em ambas o livro dos *Provérbios* do sábio Salomão está presente.

da religião cristã. A Bíblia é uma biblioteca constituída por livros que estão divididos entre o Antigo e o Novo testamento. Dentre os livros do Antigo testamento, temos o livro de *Provérbios* escrito por Salomão, cujo nascimento foi anunciado pelo Senhor a Davi, pai do Salomão, como podemos ler no primeiro Livro de *Crônicas*, capítulo 22, versículos 8 e 9:

Porém, a mim me veio a palavra do Senhor dizendo: Tu derramaste muito sangue e fizeste grandes guerras. Tu não construirás uma casa para meu nome, pois derramaste diante de mim muito sangue sobre a terra.

Eis que um filho te nascerá, que há de ser um homem de paz, porque eu lhe darei paz frente a todos os seus inimigos ao redor. Seu nome será Salomão. E, durante seu tempo, darei paz e calma a Israel. (CRÔNICAS, 22: 8 e 9, In: BÍBLIA SAGRADA, 2009)

Ao escrever o livro de *Provérbios* presente na Bíblia, conforme Milhorama (2012), Salomão aborda os seguintes conteúdos: os discursos de sabedoria, coleções de provérbios (Salomão e sábios) e Apêndice de provérbios de Massá. Observando o primeiro conteúdo, notamos que a Bíblia também traz os provérbios como ensinamentos, o que ratifica a importância da literatura oral, na Bíblia.

Essa importância do livro de *Provérbios* para o conjunto do texto sagrado pode ser identificada logo no primeiro capítulo: 1-7:

[1] Provérbios de Salomão, filho de Davi, rei de Israel, [2] para conhecer a sabedoria e a instrução, para compreender as palavras sensatas, [3] para adquirir as lições do bom senso, da justiça, da equidade e da retidão; [4] para dar aos simples o discernimento, ao adolescente a ciência e a reflexão. [5] Que o sábio escute, e aumentará seu saber, e o homem inteligente adquirirá prudência [6] para compreender os provérbios, as alegorias, as máximas dos sábios e seus enigmas. [7] O temor do Senhor é o princípio da sabedoria. Os insensatos desprezam a sabedoria e a instrução. (PROVÉRBIOS,1: 1-7, In: BÍBLIA SAGRADA, 2009)

Ao lermos o trecho acima, observamos, inicialmente, dois termos que nos chamam a atenção: sabedoria e instrução. Tais termos poderiam, por assim dizer, resumir o conceito do provérbio, que é um texto construído com base na sabedoria e experiência de um povo, com o objetivo de instruir aqueles que não possuem essa sabedoria. Assim, vemos, mais uma vez, os provérbios como textos que levam ensinamento para um povo e, nesse caso, o cristão, cumprindo, assim, o objetivo bíblico de instruir.

No mais, vale ressaltar que os provérbios têm origem não só no texto bíblico, visto que foram registrados também por povos da antiguidade, como os egípcios que os utilizavam antes de Cristo, tendo como nome *Sebayt* que significa ensinamento, segundo Cortês (2008). Isto é, na Antiguidade, os provérbios já tinham o intento de transmitir ensinamento às pessoas da comunidade, como é entendido, hoje, pela nossa sociedade.

Por ser um texto criado com esse intento, tais provérbios carregam muito da cultura do povo que os criou e tem, sobretudo, um valor de tradição oral, passados de geração em geração, mostrando aos seus interlocutores, os valores morais e éticos de uma determinada comunidade. Essa assertiva é confirmada por Xatara e Succi (2008), ao afirmarem que:

[...] provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar. (XATARA; SUCCI, 2008, p. 35).

De um modo geral, nessas frases reflexivas, os provérbios, retratam fatores religiosos, políticos, econômicos, raciais, sociais, dentre outros presentes na sociedade em que são inseridos. No caso dos provérbios que serão analisados no trabalho em processo, veremos como os provérbios retratam a relação entre velhos e crianças, vendo, assim, como os idosos são tratados.

3. Cultura, intercultura e transculturação

Toda sociedade apresenta um comportamento que rege algumas das áreas, dentre as quais podemos citar: política, educação, religião, economia etc. Cada povo tem a sua forma de educar conforme seus hábitos e costumes, assim como suas crenças, lembrando-nos as diferentes religiões existentes no mundo. Um povo com uma crença religiosa como o hinduísmo tem, evidentemente, hábitos e costumes diferentes de um povo, cuja religião é o cristianismo. Além disso, se pensarmos na política, lembramos que o povo governado por um monarca tem concepções de mundo diferentes daquele povo que escolhe o representante

político. Esses comportamentos, hábitos e costumes podem ser vistos também como o que os sociólogos e antropólogos, apenas para citar dois exemplos, chamam de cultura.

Para compreendermos melhor o conceito de cultura, baseamo-nos em Santos (2006), para quem há, basicamente, duas concepções de cultura: a primeira, refere-se a todos os aspectos de uma realidade social, enquanto a segunda diz respeito ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo. Assim, vemos que, de acordo com a primeira concepção, a cultura é concebida como algo mais geral, fazendo referência às características gerais de determinado povo, seja na maneira pela qual a sociedade está organizada, seja pelos seus aspectos materiais. Temos como exemplo para essa concepção, a visão de muitos estrangeiros sobre o Brasil, visto como o país do futebol e das mulheres morenas, “bonitas” e com outros atributos que nem sempre correspondem à verdade, visto que, por exemplo, nem todos os brasileiros são aficionados pelo futebol.

Já no que diz respeito à segunda concepção, Santos (*op. cit.*) identifica a cultura como algo mais específico, considerando as maneiras de agir de um determinado grupo social, partilhando um conhecimento, ideias e crenças do mesmo. Nesse sentido, há uma limitação no que concerne ao que um grupo entende e pratica como é o caso da religião. Um exemplo disso pode ser visto tanto entre os praticantes do candomblé, como entre os do catolicismo que têm hábitos e práticas distintas.

No entanto, embora tenhamos percebido que as concepções apresentadas se diferenciam pelo fato de uma ser mais geral e outra mais específica, vale salientar que elas estão, de certo modo, interligadas, uma vez que não se pode fazer referência à forma como um grupo age sem falar da sociedade na qual está inserida.

Ainda segundo o autor, quando falamos de uma cultura específica como a inglesa, por exemplo, podemos nos remeter à língua inglesa, à sua literatura, ao conhecimento filosófico, científico e artístico produzidos na nação inglesa, assim como, às instituições mais próximas desses tipos de conhecimento². Vale ressaltar que quando falamos em língua inglesa já não se pode ter o mesmo posicionamento, uma vez que a língua inglesa é uma língua mundial.

Assim, ratificamos que cada povo tem seus hábitos e seus costumes regidos por um comportamento implícito, resultando no que chamamos cultura. Logo, podemos também perceber que, segundo alguns códigos de sociedades distintas, algumas culturas se distanciam bastante, ao mesmo tempo em que outras se aproximam, tornando-se mais semelhantes.

² É importante que se diga que esta é apenas uma forma de exemplificar. Faz-se necessário destacar que a língua inglesa não está ligada única e exclusivamente ao país Inglaterra. Este trabalho mostra que a língua inglesa é falada em vários outros países, sendo ela uma língua global.

Essas semelhanças e/ou diferenças presentes nas culturas causam o que chamamos de interculturalização; ou seja, a chance de cotejar determinadas culturas, observando em que elas se assemelham e se diferenciam. É certo que algumas culturas aproximam-se por meio da sua religião, a exemplo das sociedades cristãs, enquanto outras se aproximam pela sua política econômica, como nas sociedades capitalistas ou socialistas.

Considerando-se essas reflexões, pode-se afirmar que há maior facilidade de um país capitalista negociar com outro, do que um capitalista negociar com um socialista. Por isso, citamos como exemplo, o fato de Cuba, um país socialista, parecer estar isolado da maior parte dos países no que diz respeito à política e, conseqüentemente, ao capital.

Outro exemplo, no que se refere ao diálogo cultural seja por semelhanças ou diferenças, está na relação entre o Brasil e os Estados Unidos, em que o primeiro se aproxima do segundo, no momento em que é influenciado pela cultura do capitalismo. Influenciada, a cultura brasileira também se torna capitalista, observando-se aí o ponto de congruência entre as duas culturas. Da mesma forma, podemos comparar a cultura brasileira à cultura indiana, na qual os povos tem uma forma diferente de ver o mundo, começando pela divisão de classes, das mais favorecidas às menos favorecidas. Na Índia, a população é dividida por castas que indicam a posição social do indivíduo na sociedade. Tais castas³ são: brâmanes (religiosos e nobres), xatrias (guerreiros), vaixias (agricultores e comerciantes), sudras (escravos) e párias (sem castas). Os párias, para os indianos, são relacionados ao pó e são vistos com maus olhos, já que não possuem uma elevada posição social.

Portanto, observa-se que a cultura indiana embora diferente da brasileira, tem elementos que, de certa forma, se assemelham; favorecendo uma via de mão dupla no que diz respeito à interculturalidade, posto que, embora o Brasil não seja dividido em castas, há neste país um elemento que também segrega: o financeiro; pois, a nossa população é dividida em miseráveis, pobres, ricos e milionários.

No caso do trabalho em questão, realizaremos o diálogo cultural entre os povos africanos de língua francesa e o povo brasileiro, por meio dos provérbios, e, mais especificamente, pensando na forma como os idosos são tratados. Por isso, faz necessário entender que, para que seja estabelecido um diálogo cultural entre povos, a partir de provérbios, necessita-se da delimitação de uma temática que permita a interlocução das semelhanças e/ ou diferenças desses povos, em qualquer que seja a área. Pensando assim,

³ Para aprofundar o estudo sobre as castas da cultura indiana, sugerimos a leitura de Oliveira (2008) quem estuda a sacralidade das castas indianas sob o olhar dumontiano.

vemos o quão importante é fazermos a tradução do texto, tendo em vista a sua cultura de origem. Não seria possível realizar o diálogo cultural, observando as semelhanças e diferenças entre as culturas de povos de línguas diferentes, se não traduzíssemos o texto conforme a sua cultura de origem.

Mas, falando em tradução, o que realmente significa traduzir? Conforme Campos (2004), o termo traduzir originou-se do verbo latino *traducere*, que significa conduzir ou fazer passar de um lado para o outro. Entretanto, existe um conceito mais explícito que esse e, ainda de acordo com Campos (2004), a definição mais objetiva é talvez a do ensaísta inglês John Cunnison Catford: “tradução é a substituição de material textual de uma língua por material textual equivalente em outra” (CAMPOS, 2004, p.11). Nesse caso, o termo “material textual” englobaria não só as estruturas linguísticas tanto da língua de origem, quanto da de chegada, mas também, o próprio conteúdo textual. No entanto, a partir dessa noção, chama-nos a atenção “o material textual equivalente”, visto que quando trabalhamos a tradução, lidamos de certa forma, também com equivalências.

Para traduzir um texto, é de extrema importância o conhecimento do tradutor não só para com as estruturas linguísticas das línguas estrangeiras e da língua materna, mas, principalmente, das culturas que envolvem tais línguas, pois, assim, ele não fará más interpretações. Esse tipo de atividade tradutória que leva em consideração a cultura de origem do texto chama-se transculturação; noção que, conforme Walter (2010), seria uma forma de passarmos o conhecimento de uma cultura para outra sem distorcê-la de acordo com a cultura da língua de chegada. Para esse estudioso:

[...] a transculturação é uma força crítica que permite traçar as maneiras de transmissão que acontecem entre culturas, regiões e nações, particularmente entre aquelas caracterizadas por relações de poder desiguais enraizadas em formas e práticas de coerção e dominação. (WALTER, 2010, p.101).

Refletindo a respeito dessa noção, pensando-se em relações de poder e em práticas de coerção e de dominação, é indispensável que pensemos os provérbios não como elemento a partir do qual o dominador detém o poder sobre o dominado; mais sim, como um caminho que registra um código de conduta de uma sociedade, além de transmitir valores éticos de um povo, visto que é um texto sobrecarregado de cultura.

Após essas considerações sobre cultura, intercultura, bem como sobre a transculturação, veremos no próximo tópico que é possível encontrarmos pontos e

contrapontos entre as culturas brasileira e africana de povos de língua francesa por meio dos provérbios; e, mais especificamente, na relação entre crianças e velhos.

4. A relação entre velhos e crianças: dois extremos

Atualmente, as crianças, na maioria das vezes, não são ensinadas a respeitar os idosos e, quando o são, os respeitam pela idade. Entretanto, os adultos, ao ensinarem a respeitar, o fazem sem uma explicação que valorize o idoso, não destacando a sua sapiência e experiência, assim como são reconhecidos na cultura africana. Veremos isso nos provérbios abaixo apresentados.

Com essa consideração, podemos observar, na cultura brasileira, a relação para com o idoso no poema *A velhice*, de Olavo Bilac, em que a criança pergunta ao idoso o porquê de suas fragilidades, apontando-as.

Vejamos o poema.

O neto: Vovó, por que não tem dentes?
Por que anda rezando só.
E treme, como os doentes
Quando têm febre, vovó?
Por que é branco o seu cabelo?
Por que se apóia a um bordão?
Vovó, porque, como o gelo,
É tão fria a sua mão?
Por que é tão triste o seu rosto?
Tão trêmula a sua voz?
Vovó, qual é seu desgosto?
Por que não ri como nós?

A Avó: Meu neto, que és meu encanto,
Tu acabas de nascer...
E eu, tenho vivido tanto
Que estou farta de viver!
Os anos, que vão passando,
Vão nos matando sem dó:
Só tu consegues, falando,
Dar-me alegria, tu só!
O teu sorriso, criança,
Cai sobre os martírios meus,
Como um clarão de esperança,
Como uma benção de Deus!
(BILAC, 1929)

Observando o poema de Bilac (*op.cit*), percebemos a visão que a criança possui a respeito do idoso: uma pessoa frágil. Entretanto, a visão revelada não resulta apenas da visão infante, pois o idoso também enxerga essa fragilidade nele mesmo a partir dos versos “O teu sorriso, criança, / Cai sobre os martírios meus, / Como um clarão de esperança/ Como uma benção de Deus!”. O verso nos sinaliza que o idoso enxerga não só a fragilidade física, mas também, aquela relativa aos sentimentos.

Embora exista o reconhecimento e a necessidade de se formar cidadãos que respeitem os seus idosos, o poema do parnasiano Olavo Bilac parece ratificar a noção que se vem discutindo nesta pesquisa. Há, sim, uma inversão quanto ao valor dado ao idoso quando colocamos lado a lado Brasil e África; tal fato é reforçado, sobretudo, quando retomamos a fala de Hampâté Bâ em diálogo com o poema de Bilac. Percebe-se, de modo evidente, que está arraigado no pensamento brasileiro que o idoso vive farto de vias, que tem na criança, a esperança da vida. Não obstante a criança representa a esperança, não se deve ver o idoso apenas no prisma de o fim do ciclo da vida; é fundamental que se valorize o que há de positivo nessa fase da vida: a experiência que alimenta a sabedoria, segundo nos mostra a cultura africana ao comparar o “velho” a uma biblioteca.

Em vários países da África, observamos, portanto, esse lugar do “velho”. O lugar de respeito, de reverência e veneração. Nos provérbios que concluem este trabalho, buscamos destacar a relação entre idosos e crianças, tendo no laço familiar o principal elo entre essas duas fases da vida.

4.1 Provérbio africano

a) « L' enfant qui a une mère ne bave pas » (Hutu : Burundi)

Tradução: Criança que tem mãe não baba

Neste provérbio, traduzido como “Criança que tem mãe não baba”, identificamos a dependência da criança para com a mãe ou a interdependência entre a criança e o mais velho. A atividade tradutória, neste caso, não foi tão complexa, ressaltando, apenas a necessidade de uma boa compreensão, uma vez que o verbo “bavar” não pode ser entendido ao pé da letra e, sim, um comportamento natural da criança, mas que carece de alguém que não permita danos

físicos a partir do ato “babar”. Ora, a criança carece de alguns dos cuidados que só a mãe pode oferecer; mas, não se pode esquecer que há, nessa relação entre a mãe a criança, a necessidade de a mãe de dar suporte ao filho, amando-o como unicamente ela sabe fazer.

Essa relação de interdependência aponta para um caminho que garantiria a afinidade entre o mais velho e o mais moço, evitando-se os conflitos de gerações. E se pensássemos no inverso? O filho que tem mãe não será nunca negligenciado! E a velha mãe/velho quem cuida dele? Vai-se deixar o velho babando? Parece-nos que na cultura africana isso já é mais bem resolvido que no nosso país. Se é no momento de fragilidade em que se precisa do outro, por que no nosso país foi necessária a Lei Estatuto do Idoso para proteger o idoso?

4.2 Provérbio brasileiro:

a) “Come, menino e criar-te-ás; come, velho e viverás.”

Observando o provérbio acima, identificamos a relação entre crianças e velhos como duas fases extremas, dentre as quais, a criança que vive a infância tem no alimento, uma necessidade vital, do mesmo modo que para o idoso. Percebe-se ainda que o verbo utilizado para a criança tem uma nuance de vigor e teria como oposto: não te criarás, enquanto o verbo para o velho tem a morte como oposição, no sentido de “sobreviver”, devido ao fato de ele estar na última fase da vida.

Por conseguinte, no que se refere aos aspectos estilísticos e observando crianças e velhos, infância e velhice, como dois extremos, os termos “criar-te-ás” e “viverás”, a rima reforça a relação de prolongamento ou de longevidade. O primeiro verbo nos mostra que há um futuro, no qual a criança se desenvolverá e se tornará um adulto, enquanto o segundo lembra que o velho continuará vivo, unicamente, se estiver se alimentando.

Outro provérbio brasileiro possui uma nuance de sentido semelhante: “O menino engorda para crescer e o velho para morrer.” Observa-se outra vez a relação entre crianças e velhos como extremos; entretanto, nesse caso, há termos mais fortes, sendo eles, os verbos “engordar” e “morrer”. O menino engorda para crescer e o velho precisa de moderação na alimentação.

b) “Não diga ao velho que se deite nem ao menino que se levante.”

No provérbio, notamos outra vez a fragilidade da velhice na cultura brasileira, dito nas entrelinhas que quando o velho se deita, já não consegue mais se levantar, enquanto o menino não se levanta, mas por outro motivo: a “preguiça”. Nesse caso, enquanto menino inexperiente, a pessoa não tem a disposição de se levantar e aproveitar as oportunidades que a vida lhe dá para mais tarde não ter indisposição devido à fragilidade física, que é uma consequência do tempo.

Considerações finais

Tivemos como objetivo, no presente trabalho, analisar um provérbio dos povos de língua francesa na África, bem como dois provérbios dos povos de língua portuguesa no Brasil, comparando-os, observando, assim, como se dá a relação entre a criança e o velho nessas duas realidades.

Analisando comparativamente esses provérbios, pudemos observar a importância da tradução, mas para além da destreza do tradutor, percebeu que o sentido varia de acordo com a cultura, ocorrendo o fenômeno da transculturação. Evidentemente, a necessidade de o tradutor ter experiência e conhecimento de mundo nesse exercício tradutório é fundamental, mas conhecer a cultura de origem do texto traduzido é indispensável. Ou seja, não podemos traduzir um provérbio simplesmente porque conhecemos bem a língua porque se morou naquele país ou por motivos frágeis semelhantes a estes. É preciso que haja uma transmutação, como foi nossa realidade; utilizando-se os provérbios da nossa língua que trariam, de certa forma, o mesmo sentido, ainda que se devesse sempre considerar os elementos culturais que mais marcam o povo da língua de chegada para que a tradução atenda o seu propósito de passar noções de ética e valores para a sua sociedade.

Nesse caso, pensando na relação entre criança e velho, vimos que no que diz respeito à relação entre velhos e crianças parece que sempre se tem os dois extremos do ciclo da vida, tendo-se como consequência, os pares: velho-morte; criança-vida. Percebemos ao longo da análise dos provérbios que na sua maior parte, brasileiros deixam claro o medo de envelhecer, tendo-se como base o conceito do velho como um ser humano frágil e inútil, diferentemente da perspectiva dos provérbios da cultura africana.

Desse modo, vimos que a cultura africana tem o envelhecimento como um processo, natural e, até mesmo aguardado, no qual o ser humano passa por vivências, adquire

experiência, tornando-se mais sábio, embora frágil. Entretanto, essa fragilidade é menos valorizada, dá-se maior importância ao saber empírico. Para o povo brasileiro, esse processo parece ser inexistente, visto que os jovens não consideram que também estão envelhecendo e que um dia estarão tão velhos quanto os velhos que, por vezes, eles não respeitam, considerando-os “decrépitos”.

Por fim, vimos quanta cultura o provérbio carrega, possibilitando-nos realizar o diálogo entre as duas culturas em questão, fazendo-nos ver que os brasileiros precisam mudar a sua visão, bem como seu modo de tratar os idosos, inspirando-se na cultura em que os anciãos são os conselheiros. De tal modo, a interlocução cultural existente entre as culturas em análise se concretizou, uma vez que na maioria dos casos, foi possível perceber as diferenças.

Referências

CORTÊS, Maria Tereza Guimarães. *Os provérbios franceses utilizados como forma de argumentação nas crônicas de arte*. São Paulo: USP, 2010, 141p.

JULLIEN, François. *O diálogo entre as culturas do universal ao multiculturalismo*. trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MENDES, Tania Maria Scuro. *Da adolescência à envelhecimento: convivência entre as gerações na atualidade*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.

PEREZ, Joubert Castro. *Permanência e (re)atualização do discurso racista em provérbios e piadas*. Campinas: UNICAMP, 2000.

ROCKENBACH, Maria Helena Bezerra Cavalcanti. *Culturas em diálogo: a contribuição da teoria da literatura e da musicoterapia na oncologia pediátrica*. In: *Ensino e Cultura Contemporânea*. Fortaleza: Edições UFC, 2010, p. 111- 131.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

WALTER, Roland. (Trans)cultura e tradução. In: *Cultura e Tradução: interfaces entre teoria e prática*. João Pessoa: Ideia, 2010, p. 87-107.

XATARA, Claudia Maria. SUCCI, Thais Marini. *Revisitando o conceito de provérbio*. Veredas on line: Juiz de Fora/ UFJF, ano 1, p. 33-48.